

REPRESENTAÇÕES DE FAMÍLIA ATRAVÉS DO TALK SHOW “CASOS DE FAMÍLIA”¹. RENAN MENEZES CARDOZO. (Universidade Estadual Paulista. Campus de Marília. Faculdade de Filosofia e Ciências. renanmcardozo@hotmail.com).

Resumo: Pretende-se refletir sobre questões relacionadas à família e relações de gênero no programa *Casos de Família*, apresentado em TV aberta pelo canal SBT, buscando relativizar seu contexto dentro de uma realidade ligada ao cotidiano na modernidade/pós-modernidade, enfocando sua construção e influência nas questões de gênero. Utilizou-se como referência Certeau (1994), Miceli (1971), Giddens (2000) e Rubin (1996) para avaliar o encaixe social alcançado. Através de interpretações realizadas a partir de episódios arquivados constatou-se que o discurso utilizado mescla características dos problemas familiares tradicionais e modernos, tornando-os referenciais no processo de publicização do mundo privado, contribuindo na formação da opinião pública ao gerar ou se apropriar de representações, que confere um caráter dinâmico ao programa, por se adequar a “problemas” da sociedade atual. Também se pôde observar nas representações familiares formas subjacentes que constituem rico material sobre questões relativas à pós-modernidade, tais como os papéis femininos e masculinos, (re) discutindo em que medida esses conceitos são relativos, como se vinculam ao estudo sobre o cotidiano e até onde ele pode nos oferecer respostas a tais questões. Conclui-se que existe a necessidade de se propor um novo olhar sobre o tema, ressaltando a importância da construção de novos discursos, diante da possibilidade de se observar outros sujeitos, outras temporalidades bem como as mudanças e permanências.

Palavras chave: Televisão, *talk show*, cotidiano.

No final do século XIX e início do século XX, inúmeras transformações ocorreram em diversos planos (econômicos, políticos, sociais, culturais e psicológicos) na sociedade ocidental, que implicaram em mudanças na forma de viver das pessoas. O processo de Revolução Científico Tecnológica (SEVECENKO, 1998) impulsionou a criação de novos meios de transporte, comunicação entre outras tecnologias, algumas ligadas a questão do lazer como o cinema e também a televisão².

A Televisão, que se mostrou de forma mais plena nos anos 50, vem representando um novo passo ao desejo do homem de trabalhar com imagens mais próximas a sua realidade

¹ “Trabalho apresentado na 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil”.

² A primeira transmissão telegráfica de uma imagem ocorreu em 1842 e a partir desta data se desenvolveu progressivamente culminando em 1935 na primeira transmissão em massa, o que ocorreu na Alemanha.

e que traduziam parcialmente suas realidades³. O processo de mudanças tecnológicas que impulsionaram o desenvolvimento, primeiro das técnicas de pintura, posteriormente à fotografia e o cinema (transmissão de quadros parados) aproximavam cada vez mais os homens de seu desejo em reproduzir o real.

As imagens ganham um novo tom mais próximo ao tempo presente, a um contexto dinâmico, mas ainda com muitos elementos herdados do cinema, em produzir ilusões que se mesclam algumas vezes a realidade. De modo sintético podemos classificar a televisão como um sistema eletrônico de transmissão de imagens e sons de forma instantânea⁴. Porém, mais que simples imagens, encontramos a existência de escolhas que caracterizam construções sobre como e o que irá ou não estar presente na programação. Todas as formas de expressão, tanto telas quanto fotografias, também não podem ser consideradas isentas de intencionalidades, pois todas são formas de reprodução da imagem e estão acompanhadas concomitantemente de informações (de uma mensagem) (SOARES, 1996).

No Brasil alguns acreditam que a primeira transmissão televisiva teria ocorrido por intermédio de Olavo Bastos Frio, em 28 de setembro de 1948. Frio supostamente construiu os equipamentos necessário e transmitido uma partida de futebol em Juiz de Fora, Minas Gerais, porém, essa idéia é polêmica e ainda não pode ser totalmente confirmada.

Já em 18 de setembro de 1950, Assis Chateaubriand implantou a TV Tupi de São Paulo realizando a primeira transmissão comercial televisiva oficial, neste momento o Brasil se torna o quarto país a possuir uma emissora de TV, estando atrás apenas de Estados Unidos, Inglaterra e França.

No decorrer dos anos outros canais surgiram, entretanto nos debruçaremos sobre um em específico, o Sistema Brasileiro de Televisão, mais conhecido pela sigla SBT. Este canal entra no ar em 1981 e passa a disputar espaço com outras emissoras, no campo da informação e entretenimento, conquistando um bom público como apontam as pesquisas de IBOPE (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística)⁵. As emissoras, influenciada, direta ou indiretamente pelos índices de audiência, já que eles irão colocar a relação de interesse e lucratividade que cada programa pode conseguir junto ao público, constroem sua programação.

³ O que ocorre desde o período das cavernas, em que gravuras nas paredes eram feitas representando situações cotidianas que expressavam um sentido de vida configurando um significado para os indivíduos e a comunidade a que pertenciam.

⁴ A origem de seu nome liga-se a *teles* do grego, distante e *visione* do latim que significa visão.

⁵ O IBOPE é um sistema que representa a audiência colocando uma proporção entre o número de anunciantes que investem na emissora e empenha-se por saber qual a proporção de pessoas que assistem. O que representa por sua vez, a capacidade de alcance da emissora em poder lançar propagandas sobre os produtos desses investidores, ou seja, possui uma relação entre adequação dos produtos ao gosto do mercado. Essa relação é construída entre audiência e financiadores dos programas, não estando limitada apenas a isso, por perpassar outros campos como o simbólico, por exemplo.

Dentre tantos programas que a emissora SBT tem um nos chama a atenção, o programa “Casos de Família” apresentado diariamente desde Maio de 2004 pela jornalista Regina Volpato. É um *talk show* que retrata a vida dos “cidadãos comuns”, trazendo temas do cotidiano para entreter e resgatar valores de uma forma sutil em comparação com outros programas do mesmo gênero, como é o caso de Márcia Goldschmidt, apresentadora atual da emissora Bandeirante, e da Oprah Winfrey, pela TV a cabo americana⁶. Os temas são conduzidos de forma “leve” e descontraída, sem espetacularizar nem exotizar os assuntos.

O *talk show* enquanto programa situa-se entre o gênero informativo que pode ser representado pelos programas de jornalismo, e os programas de entretenimento no outro extremo remetendo aos programas de auditório. Assim, as questões sobre família são discutidas dentro dessa fusão entre gêneros televisivos além de revestir-se com uma máscara de autenticidade quando dá voz aos sujeitos tratados.

Com isso nos aparecem diversas questões como: em que medida poderíamos considerar legítimos os discursos ali colocados (tanto de quem traz seu caso, como a platéia, a apresentadora e os especialistas)?⁷

Nosso campo de observação perpassa o campo do imaginário acerca do que o sujeito diz sobre si e o que ele realmente é. Seria uma fusão entre o dualismo Kantiano com o que ele chama de imperativo categórico⁸. De modo que não poderíamos ficar limitados a fazer análises somente sobre o significado, mas ampliando conforme possível a algumas questões sobre os sentidos⁹ que são produzidos.

Assim sendo, não estamos discutindo sujeitos de um discurso apenas no campo de suas significações, que também poderiam ser chamadas de representações ou construções, abrangendo também o campo semiótico em que se inserem as reflexões sobre o sentido.

Feito isso, nos perguntamos que sujeitos são esses que não são recrutados nas ruas, nem são atores treinados para representar situações. Que pessoas são estas que se inscrevem principalmente através da página do programa, no *site* da SBT, apresentam-se para discutir publicamente suas angústias e dilemas.

⁶ Esta apresentadora possui prestígio relevante neste tipo de programa sendo uma referencia mundial por ter um alcance inclusive político.

⁷ Ressaltando que em alguma medida os assuntos televisivos são enviesados ou recortados pela edição do programa somando-os aos outros fatores já citados.

⁸ O imperativo categórico segundo Marilena Chauí é algo que ordena incondicionalmente, sem representar uma motivação psicológica, mas sim a lei moral interior. O imperativo categórico exprimir-se-ia numa fórmula geral, na qual nós agiríamos em conformidade apenas com a máxima do que poderíamos querer que se tornasse uma lei universal. Em outras palavras, o ato moral é aquele que se realizaria como um acordo entre a vontade e as leis universais que ela dá a si mesma.

⁹ O sentido só é possível em uma relação de alteridade em que ele pode produzir um efeito, sendo algo que afeta e por isso estaria no campo da ação, ao mesmo tempo em que escapa a essa ação.

Adentrando a construção do programa temos outros sujeitos que vão observar os temas propostos pelos telespectadores inscritos e, posteriormente elaborarão grupos de discussão, atendendo uma demanda do que o programa considere “necessário”, sendo assim encaixados os escolhidos em um tema comum. Deste modo, a produção possuiria algum material prévio, que é conduzido e roteirizado, para se tornar um “caso” do dia¹⁰.

Como não é transmitido em tempo real, o auditório (outro agente) é utilizado para dar voz aos sujeitos que representariam o telespectador, ou pelo menos representariam uma parcela dele segundo o dito popular de que: “A voz do povo é a voz de Deus”. E dessa forma, ressaltando o caráter legitimador dos discursos como verdadeiros e sinônimos da realidade.

A figura da apresentadora representa a ordem, a conduta ética reguladora do programa apoiada pela figura do “conselheiro do dia”. O “conselheiro” seria, de certo modo, aquele que assume o papel da ciência, tentando conduzir de forma técnica os “problemas” que são relatados e constatados como tal. Eles agem como se fossem uma forma de psicólogo.

Dentro dessa estrutura de liberdade de discurso, regulada por um roteiro disciplinador e editado dos casos, que nos falam os sujeitos. Assim o programa se torna o recorte no qual realizamos uma análise, observando aspectos particulares sobre os “problemas” de uma parcela das famílias modernas, suas peculiaridades, inserindo-se no processo que atualmente é classificado como a publicização do mundo privado e vice versa que acompanham a atualidade. Entretanto enquanto recorte, reconhecemos que o programa não possa ser tomado como verdade diante da possibilidade de múltiplas interpretações. Portanto, um objetivo base seria propor um olhar sobre o tema, importante na construção de novos discursos relevantes diante da possibilidade de observar outros sujeitos, outras temporalidades bem como as mudanças e permanências.

Buscamos assim ampliar e rever as questões discutidas sobre o papel da televisão, como a difusão de conceitos que traduzem visões de mundo e que constituem, em alguma medida a matéria crítica de parcelas da população, simbolizando construções sobre a realidade, representações que variam segundo a classe social, etnia e gênero. Essas construções partem de critérios vivenciados por grupos formados por homens e mulheres. Nessa medida, de que forma o programa produz tais significados e em que medida essa produção atinge os efeitos desejados? Mais do que necessário à compreensão sobre como essas construções se dão, a importância está em perceber qual a noção de família, e qual o encaixe que essa representação adquire dentro da sociedade.

¹⁰ Poderíamos pensar aqui que uma seleção poderia manipular o que cada programa deve trazer, e mais ainda, o que cada programa irá trazer ao público para discussão. A produção aqui teria uma ação direta no que cada telespectador deve ou não discutir e pensar como sendo algo rotineiro, tal qual o nome do programa sugere.

Observando aspectos que representam informação ou entretenimento, inibindo ou possibilitando capacidades humanas ao gerar discussões sobre o tema que é apresentado de uma forma específica, dentro de determinada emissora, poderíamos refletir sobre o que significariam essas representações geradas dentro do contexto modernidade/pós-modernidade, do cotidiano e outras realidades possíveis.

Essa problemática que se situa no contexto de um processo denominado modernidade/pós-modernidade, onde se observa a presença de um intenso debate entre os paradigmas existentes frente às distintas temáticas, sendo elas a “questão das incertezas”, o retorno a fundamentalismos, o aprisionamento do indivíduo em “vícios” e principalmente a revisão dos papéis sexuais/sociais na família geradores de um certo mal-estar da sociedade contemporânea. Fenômenos diretamente ligados à modernidade que em relação com o Brasil, une o tradicional com o moderno e se refaz nesses contrastes configurando certo hibridismo (CANCLINI, 2000) em nossa estrutura.

Pensar a modernidade em relação à família brasileira precisa associar essas dimensões plurais do cotidiano, que são impulsionadas lentamente a uma reflexão pós-moderna. Na verdade, o pós-moderno ainda estaria preso à modernidade, a um fluxo que tenta escapar dessa circularidade do moderno em reinventar suas tradições adequando-as ao moderno, quando não criando novas formas. Seria uma pós-modernidade teórica de suspensão de valores e juízos que configuraria a vida rotineira para além do campo do possível, até a desobjetivação do saber, das certezas.

O pós-moderno representa uma nova força de diálogo que se desprende da verdade (significados) para o campo dos sentidos, do falar através de uma semiótica enquanto outro modo de comunicação, que possui outras sutilezas presentes no real. Entretanto em que medida existe mesmo esse campo interfásico de modernidade e pós-modernidade? Será mesmo que a pós-modernidade ainda não está condicionada a modernidade e, portanto, ela não existiria de fato?

Esse conjunto de questões, somadas a noção de família, podem dar pistas sobre a sociedade atual e elementos do cotidiano tão fluido em decorrência da grande velocidade de informações, influenciadas pela globalização que possibilita novas trocas entre as culturas. Assim, em que medida a noção de núcleo familiar e sua estrutura estão preservados enquanto parciais, possuindo uma identidade que possa ser classificada como universal?

Quando nos referimos a Casos de Família, estamos situando o problema em padrões diretamente imbricados com o Sudeste, mais especificamente com a realidade da Capital Paulista. Não sendo, portanto, algo universalizador ao inseri-se nos ideais da família cristã, por reafirmar particularidades enquanto algo universal (comum a todos), mas seu inverso.

Fazendo isso sem ressaltar as diferenças ou provocar, mas, no entanto procurando semelhanças que possibilitem um ponto em comum a fim de promover o diálogo preso a esse recorte social que se limita a um sudeste.

Isso representa um aspecto característico da TV em desregionalizar discursos, tentando universalizá-los para abranger a maior quantidade de telespectadores (consumidores de informação) possível. Essa universalização travesti-se de democracia o que não ocorre de fato, nem mesmo como ditadura da maioria.

No discurso do programa é sempre a apresentadora quem começa e quem determina a última palavra. Sua relação de hierarquia fica clara nos jogos de câmera que apontam sua postura diante de cada situação, e nas intervenções que ela realiza sem querer parecer grosseira nem totalmente imparcial, mas conciliatória ou constatando algo de modo que ela é sempre o canal para onde o discurso é dirigido e digerido. Porém, nos perguntamos como as visões plurais podem ser resumidas a uma opinião.

Isso estaria ligado a nossas tradições de busca por uma essência, que é reproduzido pela televisão aberta enquanto veículo, teoricamente, de comunicação e informação das massas. De modo geral, as questões tratam de um tipo de família da modernidade em que seu resgate está em (re) estabelecer estruturas, mesmo que de uma forma híbrida ou incomum contanto que sejam pautadas pelo “bom senso” presente no senso comum. Nesse caso pensamos em como seria determinado esse “bom senso”. O senso comum é representativo de quê ou quem?

Casos de Família além das evidências de representações explicitadas sobre a família nos possibilita observar as formas subjacentes ao período da pós-modernidade tais como os papéis femininos e masculinos (re) discutindo em que medida esses conceitos são relativos, como se vinculam no estudo sobre o cotidiano e até onde ele pode nos oferecer respostas a tais questões.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA:

BERGAMO, Alexandre. *Imitação da ordem: as pesquisas sobre televisão no Brasil*, Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 18, n. 1.

CANCLINI, Nestor Garcia. *A Encenação do Popular, Culturas Híbridas*, São Paulo: Edusp, [1989] 2000, p. 205-254.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*, 2ª edição, tradução de Epharaim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. “A História Hoje: dúvidas, desafios, propostas” Estudos históricos, Rio de Janeiro, vol. 7, n.13, 1994, p. 97-113.

_____. “O Mundo como Representação”, Estudos Avançados 11(5), 1991. Tradução de Andréa Daher e Zenir Campos Reis.

CHAUI, Marilena. *Convite à Filosofia*, Editora Ática – São Paulo, 2000.

FERRARESI, Carla Miucci. *Papéis normativos e práticas sociais: o cinema e a modernidade no processo de elaboração das sociabilidades paulistanas, na São Paulo dos anos de 1920*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social, do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do Título de Doutor em História. 2007.

GIDDENS, Anthony. *Mundo em Descontrole. O que a globalização está fazendo de nós* Rio de Janeiro: Record, 2000 Risco, pp. 31-46; Tradição, pp. 47-60 e família, pp. 61-76.

_____. “A vida em uma sociedade pós-tradicional” in Beck, Ulrich et all modernização reflexiva. Política, tradição e estética na ordem social moderna São Paulo; Editora Unesp, 1997 pp. 73-134. possíveis

MACHADO, Lia Zanotta. “284 Perspectivas em Confronto: Relações de Gênero ou Patriarcado Contemporâneo?” Série Antropologia, Brasília 2000.

MARTÍÍN-BARBEIRO, Jesús. *Dos Meios às Mediações: comunicação, cultura e hegemonia*, 2ª. ed., Rio de Janeiro: Editora UFRJ, [1987] 2001. Prefácio à 5ª. edição castelhana, p. 11-22. *Das massas à massa*, p. 179-221.

MORAES, D. Globalização, mídia e cultura contemporânea. Campo Grande: Letra Livre, 1997

OSORIO, Francisco. *El Sentido y El Otro: Un ensayo desde Clifford Geertz, Gilles Deleuze y Jean Baudrillard*. Cinta de Moebio No.4. Diciembre de 1998. Facultad de Ciencias Sociales. Universidad de Chile.

PATERNOSTRO, V. I. *O texto na tv: manual de telejornalismo*. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

RIBEIRO, Renato Janine. *“O Afeto Autoritário”* Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004

SEVECENKO, Nicolau. *A Capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio*, in NOVAIS, Fernando (organizador da Coleção), SEVECENKO, Nicolau (organizador do volume), *História da Vida Privada no Brasil*, São Paulo: Cia das Letras, vol. 3, 1998, p. 513-619.

SOARES, Ismar de Oliveira. *Sociedade da Informação ou da comunicação?* Editora Cidade Nova - São Paulo 1996.

Sites consultados:

http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0410391_06_cap_02.pdf

<http://www.scielo.br/pdf/ts/v18n1/30019.pdf>

http://www.ifch.unicamp.br/ael/website-ael_ibope/website-ael_ibope_planilhaisad.htm

<http://t.omorro.w.vilabol.uol.com.br/trab2.html>

<http://rehue.csociales.uchile.cl/publicaciones/moebio/04/frames03.htm>